



CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO  
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA

**BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI**

NOVA SÉRIE

BELEM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA

Nº 72

12, JANEIRO, 1979

DEPOIMENTOS BANIWA SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE  
ÍNDIOS E "CIVILIZADOS" NO RIO NEGRO

**Adélia Engrácia de Oliveira**

Museu Goeldi

RESUMO: Apresentação de 7 depoimentos Baniwa, sendo 6 masculinos e 1 feminino, coletados durante uma pesquisa de campo no rio Içana (AM), em 1971, com o auxílio de um intérprete e com o objetivo de exemplificar a situação de contato entre índios e "civilizados" no alto rio Negro, índios estes que têm sido submetidos não só ao convívio com frentes econômicas mas também com a missionária ou ideológica. Não são feitos comentários analíticos a esses depoimentos mas chama-se a atenção para o fato de que os Baniwa necessitam da garantia de suas terras e de uma assistência médica permanente para que possam sobreviver, como, aliás, é o caso dos indígenas em geral.

INTRODUÇÃO

A história do contato entre índios e "civilizados" no rio Negro, apesar de pouco estudada em profundidade<sup>(1)</sup>, demonstra que embora esta situação tenha assumido feições violentas em seu aspecto de dominação, escravização e conversão, através das tropas de resgate, guerras justas e descimentos, houve, também, desde o início, uma espécie de dependência do colonizador ao indígena em sua forma de adaptação ao meio ambiente. Era o índio quem sabia entrar no mato e procurar as chamadas "drogas do sertão"; era o índio quem remava com maestria e podia atravessar as cachoeiras existentes em grande número, na área; era o índio quem conhecia o trabalho da roça; era o índio quem devia ser cristianizado e,

(1) — Entre os estudos existentes salientam-se os de Arthur Cesar Ferreira Reis (1940, 1944) e Eduardo Galvão (1959, 1964 e 1970). Como fontes históricas básicas, entre outros, Aranha, 1907; Azevedo, 1907; Massa, 1965; Nimuendaju, 1950; Sampaio, 1907; e Xavier, 1907.

além disso, era o índio a mão-de-obra existente na região, para a construção de obras públicas nos povoados que então surgiam. Houve, assim, um processo aculturativo de ambos os lados, um processo mútuo de dar e tomar entre o elemento nativo e o alienígena. Era o colono precisando da tecnologia indígena para a sua adaptação ao meio ambiente e era o índio tendo que, em grande parte, sujeitar-se às novas condições, para sobreviver. De qualquer forma, porém, a reação do nativo não foi pacífica e despontaram rebeliões e movimentos messiânicos. Para o indígena, além da dizimação causada por mortes em conflitos ou por doenças para as quais ele não tinha defesa orgânica, a resultante do contato foi também a deculturação e "a destribalização dos grupos mais expostos" uma vez que "indivíduos de diferentes tribos foram reunidos nas vilas, aldeias missionárias ou simplesmente transferidos para os esparsos centros coloniais" (Galvão, 1964: 331) onde lhes era imposta a cultura ibérica. Já para o europeu, o resultado dessa relação foi principalmente um processo deculturativo causado pelo aproveitamento das técnicas nativas de adaptação ao meio.

Embora os grupos que tiveram um maior contato hajam desaparecido em sua maioria, a história da região indica que entre os períodos de expansão portuguesa, afirmação do poder secular mercantil e do extrativismo, houve épocas de retração da frente de ocupação, o que permitiu a sobrevivência de alguns grupos e a acomodação dos padrões tribais aos valores da sociedade dominante. Além disso, a dizimação indígena inicial, causada pelo contágio de doenças antes inexistentes, foi substituída por uma convivência menos letal com as moléstias dos "civilizados".

Esses grupos que se retraíram para áreas menos devastadas, fugindo do contato, não ficaram, na verdade, inteiramente isolados. A eles chegam periodicamente os regatões que vão atrás de produtos extrativos e que são os portadores de idéias e de objetos manufaturados ou industrializados, através dos quais levam aos indígenas o conhecimento de um mundo que lhes atrai bastante a curiosidade e no qual, pelo

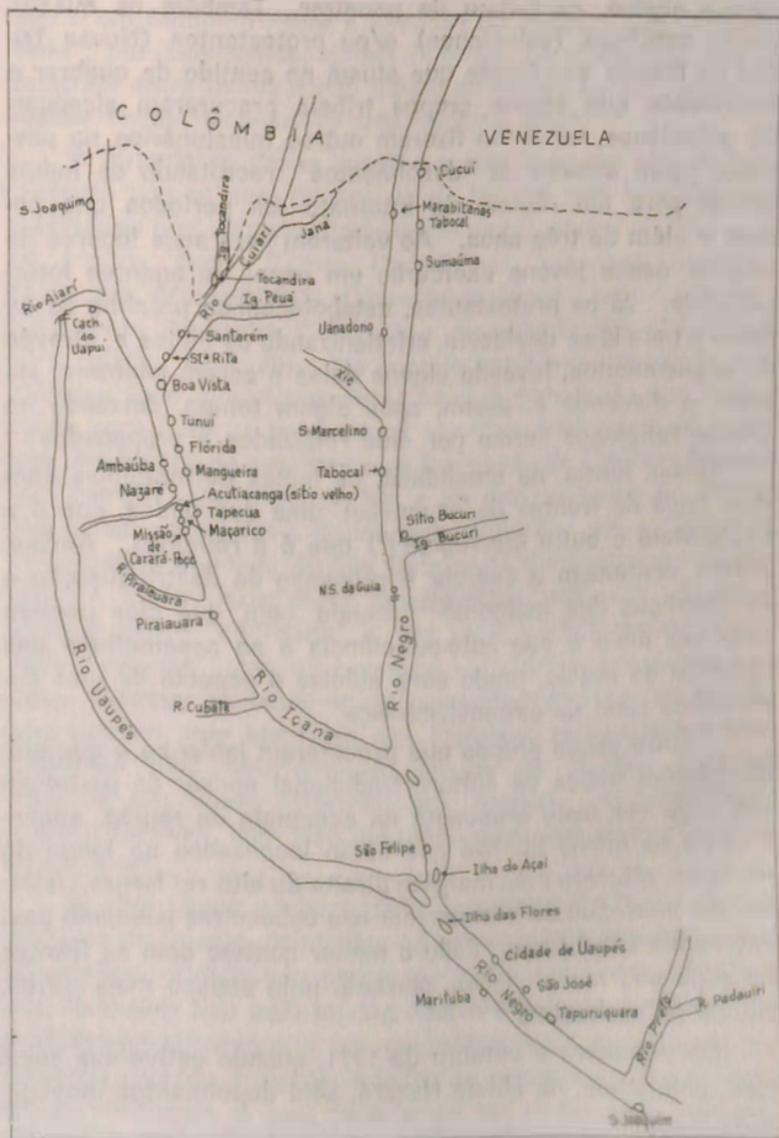


Fig. 1 — Mapa do alto rio Negro e do Içana desenhado por um índio Baníwa.

menos alguns, gostariam de penetrar. Também os missionários católicos (salesianos) e/ou protestantes (Novas Tribos do Brasil) são forças que atuam no sentido de quebrar o isolamento que alguns grupos tribais procuraram alcançar. Os salesianos, tal como fizeram outros missionários no passado, agem através de "descimentos", recrutando os índios jovens para um regime de internato em períodos que podem ir além de três anos. Ao voltarem para seus lugares de origem, esses jovens exercerão um papel de agentes interculturais. Já os protestantes, estabelecem-se próximo às aldeias e para lá se deslocam, cristianizando os índios e, através de ensinamentos, levando alguns deles a serem *pastores*, *anciões* e *diáconos* e, assim, após algum tempo, deixando os ofícios religiosos serem por eles realizados e propagados.

Dessa forma, na atualidade, os índios defrontam-se com dois tipos de frentes de expansão: uma *econômica*, que é a extrativista e outra *ideológica* (2) que é a religiosa. Ambas, porém, continuam a exercer o processo de destribalização e deculturação dos indígenas, fazendo com que eles percam cada vez mais a sua auto-suficiência e se assemelhem aos caboclos da região, tendo suas aldeias o aspecto de uma comunidade rural da circunvizinhança.

Entre esses grupos que procuraram isolar-se e que ainda mantêm traços da cultura tradicional apesar da participação cada vez mais crescente na economia da região, encontram-se os índios Baniwa que estão localizados ao longo do rio Içana, afluente pela margem direita do alto rio Negro (AM). Os que conseguiram permanecer nas cabeceiras possuem uma autonomia tribal maior, dado o menor contato com as frentes de expansão mencionadas, causado pelo acesso mais difícil, devido às cachoeiras.

Em setembro e outubro de 1971, quando estivemos entre eles, coletamos, na aldeia Nazaré, seis depoimentos masculi-

(2) — Embora a frente econômica esteja sobrecarregada de componentes ideológicos e o inverso se dê com a frente ideológica, preferimos fazer a distinção entre ambas por causa dos objetivos específicos de cada uma, apesar de que todas as duas se identifiquem pelo menosprezo à cultura indígena.

nos e um feminino sobre a situação de contato com o "civilizado", por eles vivida, e que ilustram um momento dessas relações entre índios e não índios na região do rio Negro, relações essas iniciadas há três séculos atrás.

A formulação dessa questão surgiu após um mês de convivência não só com os Baniwa de Nazaré mas também com indivíduos que naquela aldeia aportavam, vindos de Mangueira, Flórida, Tunuí, Carmo, Carará-Poço, Jauacanã, Ituinruca, Piraiauara, Mutuca-Ponta, Castanha-Arumacá, Juriti-Cachoeira, Luíra-Ponta, Ambaúba, Cabeçudo e Pupunha-Rupitá (Cf. Oliveira & Galvão, 1973: 28). No contato cotidiano com os Baniwa ouvimos falar que alguns deles haviam trabalhado em abertura de roça para os nordestinos atraídos pelo surto da borracha, em barcos de regatões e na Comissão de Limites; falavam de "patrões", de missionários e de encarregados de Postos Indígenas, assim como de viagens realizadas até a Colômbia, Venezuela e a cidade de São Gabriel da Cachoeira, no rio Negro. A maior parte deles mostrava-se "saturada" da experiência com o "civilizado" e, em 1971, parecia procurar não mais "aviar-se" com os regatões e trabalhar por conta própria. Apesar de haverem-se conscientizado da exploração que sofriam pelo elemento não indígena, eles próprios marcavam-se pela discriminação havida na região. Ouvimos mais de um deles referir-se ao "branco", ao "civilizado", como o *racional*, com isso querendo dizer que eles, os índios, não o eram.

Já com algum conhecimento da cultura Baniwa e dos indivíduos de Nazaré, coletamos os depoimentos que aqui serão transcritos, escolhendo dentre os informantes os indivíduos que tivessem tido pelo menos uma experiência razoável com o elemento alienígena e que pertencessem à aldeia onde estávamos vivendo, pelas facilidades de contato e, principalmente, de confiança, a qual parecíamos ter conseguido pelo menos em parte, após esse tempo de convivência e depois de explicarmos a eles, com detalhes, o objetivo de nosso trabalho. Tais depoimentos foram dirigidos no sentido de obtermos relatos sobre situações de contato do Baniwa com o

"civilizado". Entre eles encontra-se o testemunho de uma mulher. Esses depoimentos, pelo que pudemos ouvir dos indivíduos localizados em outras aldeias e pelo que constatamos na bibliografia compulsada, parecem ser representativos da situação de contato entre índios e "civilizados" que ocorre na região, representatividade essa que se evidencia em aspectos tais como o da teia de relações conhecida por sistema de "aviamento", o da atuação dos Missionários e dos encarregados das ajudâncias do S.P.I., e o da mobilidade espacial, inclusive com migrações para a Colômbia e Venezuela, migrações essas que sabemos ter causas não só advindas com o contato extratribal mas também estruturais, internas, e que são as seguintes :-

a) a regra de residência é patrilocal, o que leva as mulheres a deixarem seu grupo para residirem no do marido;

b) procura de trabalho em outros locais, mormente fora do Brasil, onde os índios dizem serem menos explorados ou, simplesmente, uma busca de outra oportunidade de emprego e/ou a vontade de conhecer um Mundo diferente do seu;

c) a ida para uma escola, quase que sempre compulsória, "descidos" que são pelos missionários católicos (salesianos);

d) dissensões intratribais levando à formação de novos grupos;

e) aumento demográfico de uma aldeia levando à sua cisão.

Embora havéssemos formulado uma questão e tivéssemos orientado o depoimento indígena nesse sentido, demos ao informante liberdade de falar livremente sobre a questão formulada e só interrompemos o relato quando havia necessidade de uma explicação. Contudo tivemos que trabalhar com intérprete (3) para a *lingua geral*. Esse intérprete era uma pessoa com grande vivência dos Baniwa e conhecido dos in-

(3) — Aproveitamos a oportunidade para agradecer a esse intérprete, que foi também nosso guia, sr. Jorge Figueiredo Otero, e ao diretor da SUCAM em Manaus (AM), na ocasião, Dr. Agostinho Cruz, assim como ao sr. Raul Otero, responsável pela C.E.M. no Município de São Gabriel da Cachoeira (AM), pelas facilidades que nos concederam relativas a transporte na área.

divíduos de Nazaré desde a infância. Falava e compreendia o *nheengatú* correntemente e mantinha boas relações com os índios da área, pois, ali nascera e sempre vivera. Era de São Felipe. Possuía também um entendimento dos dialetos Baniwa. Foi-nos de grande ajuda durante o trabalho de campo. Por outro lado, os nossos informantes tinham um pequeno conhecimento do português e do espanhol e, assim, algumas vezes, pudemos comunicar-nos. Face a esse senão, os depoimentos aqui publicados obedecem a forma e a seqüência relatada pelo intérprete mas são transcritos na linguagem oficial. Apesar dos índios Baniwa não serem expansivos nem eloqüentes, a tomada desses depoimentos (feita com lápis e papel) não apresentou dificuldades porque, após as explicações que fornecemos sobre o trabalho e, depois de acharem que a nossa atuação era diferente daquela à qual estavam acostumados com os "civilizados", eles pensaram que era importante nos falarem sobre as suas vivências com o elemento alienígena. E é essa vivência que será relatada através dos depoimentos.

Além disso, embora não seja nossa intenção fazer uma análise histórica das relações entre índios e não índios na região do rio Negro mas, apenas apresentar os depoimentos Baniwa que versam sobre um determinado momento dessas relações, apresentaremos também, a seguir, algumas notas de Eduardo Galvão sobre a função das missões nessa área, extraídas de seu diário de campo de 1954, por ele nos cedidas, com a finalidade de exemplificar uma das facetas da situação de contato na área do rio Negro, faceta esta bastante comentada pelos Baniwa em seus relatos pessoais.

#### MISSÕES (Eduardo Galvão — diário de campo de 1954) ;

O primeiro problema é analisar a função das Missões, o segundo, o contraste entre protestantes e católicos atualmente em franca competição no Içana. Os padres salesianos têm o controle de Barcelos, Tapuruquara, waupés e de Cataris onde possuem 3 (três) missões.

Nimuendajú salientou bem o papel desempenhado pelas missões salesianas no que se refere a atuarem como freios ao velho hábito de

sacar índios de suas malocas para o trabalho escravo. Foram e ainda são as únicas instituições a que o índio pode recorrer, e o seu estabelecimento cortou as freqüentes entradas de colombianos aliciadores de índios. São também os únicos centros de comércio, ou fonte de abastecimento de mercadorias para os índios. A preferência dos índios pelas missões encontra razão em pagarem preços melhores do que os regatões, tendo essa concorrência a dupla vantagem de gradualmente eliminá-los (regatões). Funcionam ainda como centro de assistência médica. O Içana já foi percorrido por um salesiano médico, alguns têm sido internados na Santa Casa em Waupés e a missão dá remédio. Os protestantes em menor escala porque estabelecidos há pouco tempo (3 meses), têm as mesmas vantagens.

O padre José é muito estimado e possui excelentes qualidades para o trato com essa gente. Já o seu substituto não goza das mesmas simpatias porque exige mais trabalho e é mais rigoroso no exigir cumprimento dos deveres religiosos.

Sofia, porém, continua sendo a figura mais impressionante entre os missionários de qualquer denominação. Sua atividade no Brasil começou há uns seis anos passados quando o padre José começou a ouvir falar das conversões realizadas por ela no alto Içana. Vindo da Colômbia, estendeu sua ação até o baixo Içana. Tinha o caminho livre. A missão do padre José ainda não havia sido fundada (tem agora 4 anos e meio). Já o Waupés era mais difícil pela barreira de Jaurerê (cachoeira). Falando o Baniwa (Corripaco) traduziu a Bíblia para essa língua e tinha mais facilidade de atingir a compreensão dos índios. Sua personalidade deveria ter alguma coisa de messiânica pois teve logo sucesso convertendo todos os sitios acima de Sta. Ana. Ernesto que foi seu discípulo, disse que era costume dela sair para o mato e aficar toda a noite rezando. O êxito de sua missão surpreende porque pregava a eliminação de hábitos como fumar e beber, das festas ou "farras", do comportamento sexual e da educação das crianças.

Afastado desses sitios protestantes ainda não pude penetrar nas razões desse sucesso. Mas tinha qualquer coisa que está ligada a essa tradição messiânica dos Baniwa (veja T. Aranha). Já em 1870, surgiu Venâncio, o Messias Baniwa. Agora Santa Sofia, porque a despeito de sua guerra aos santos, os índios passaram por um hábito de raciocínio a denominá-la de Santa. Um seu discípulo há pouco tempo desceu o Içana até a foz do Caiari pregando o evangelho. Trouxe uma inovação, o Sangue de Cristo (talvez referência à última ceia), que os batizados bebiam para se purificar. Foi preso e recambiado para a Colômbia. Os padres encaram esse fato com certo ceticismo, embora afirmando que os Baniwa são muito propensos ao fanatismo.

A principal característica negativa das missões, já apontada por Curt para os salesianos e menos grande, a meu ver, entre os protestan-

tes, é a sistemática derrubada de valores tribais. Partindo do princípio que estão lidando com pagãos, aos quais é preciso ensinar a verdade divina, e nos quais é preciso extirpar qualquer crença pagã, a cultura indígena é assim traumatizada. Procura-se desmoralizar os heróis culturais, os pajés, ao mesmo tempo que romper o modo de ser e universo do índio sem fornecer um substituto adequado. Ignoram totalmente a cultura indígena. O índio é uma criança a ser ensinada. Prevalece uma atitude fortemente "patronalista" baseada na autoridade que os próprios Cariua (brancos) lhes atribuem. O pastor tem demonstrado a maior preocupação em aprender a língua Baniwa porém ignora completamente o quadro cultural.

Mas o fator realmente negativo é a competição atual. Não tivesse acontecido "Sofia", as coisas seriam outras. O índio protestante seria reduzido. O padre José e Sofia se fizeram respeitar e impunham suas idéias que se opõem, um pela tendência natural e tradicional do culto dos Santos, outro pela ênfase em Cristo e negação dos Santos. O evangelho, como toda religião nossa, tem prosélitos mais ativos e os adultos seguem com mais ortodoxia o ritual. Há também um apelo na idéia sempre presente nos textos evangélicos do fim do mundo e do reinado de Cristo com a recompensa para os oprimidos e pobres e castigo para os ricos. Apelo que deve calar fundo nesse gante que vem sendo espoliada e oprimida há tantas gerações.

Há, porisso, uma crise de crença. Entre as duas explicações do mundo, há ainda o hiato das tradições tribais já esquecidas. A crise é mais forte entre os católicos, para os quais essas novas idéias vieram despertar dúvidas que não existiam. Com respeito aos santos, por exemplo, o culto se resumia em realizar devidamente as promessas. Funcionavam à maneira dos heróis culturais, distantes e predispostos ao bem. Da mesma forma Jesus Cristo tomou o lugar do **criador**, pois, foi ele quem tirou das "panelas" do Apuí os diferentes Tapuias e andou às turras com o **Kowái**. Agora apareceu Sofia com os americanos, pregando que os santos são apenas **ídolos de barro** (como os informantes gravaram bem essa expressão!) e desafiando seu poder. Falam de inferno com descrições que deixam a turma amedrontada.

A Comadre, por exemplo, veio perguntar se existia inferno e o que era o inferno. Isso porque o padre tende a acentuar as doçuras do paraíso e os protestantes puxam pelo inferno como ameaça constante aos pecadores. A assimilação das idéias protestantes é um capítulo à parte (ver caderno I).

A resultante se reflete também nas relações tribais que, já baseadas no financiamento, localizações e certa rivalidade dos clãs, tendem ao atrito provocado por essa divergência de crenças religiosas.

## DEPOIMENTOS BANÍWA

- 1º) **Informante** : Liberato  
**Idade estimada** : 68 anos  
**Sexo** : masculino  
**Clã** : Tatu

Nasci na Colômbia, no lugar chamado Serrari (Bacabá), no rio Guainia. Sou Corripaco mas falo *Karrú*, *Nheengatú*, um pouco de espanhol e um pouquinho de portugueses.

Tinha cerca de quinze anos quando vim para o Brasil. Por essa ocasião havia um branco que saía de São Fernando (Venezuela) ou mais de baixo e queria tomar as terras dos Corripaco, na Colômbia. Aí pegava gente e amarrava as mãos nas costas. Tio meu, que era o capitão, foi pegado. Amarraram as mãos dele e levaram-no para interrogá-lo. Quase bateram nele mas não bateram. Queriam saber se ele escondia gente. A minha tia, mulher dele, que me criava, escondeu-se no mato com as crianças. Minha mãe, que se casara de novo, veio primeiro, quando eu era pequeno, por causa dessas "revoluções". Fui sendo criado pela minha tia e meus outros dois irmãos pelo meu vovô. Esse branco venezuelano atacava com soldados armados. Nessa época ainda não havia brancos na Colômbia, no rio Guainia. Agora está cheio de branco, dono dos piaçabais.

Quando tinha 15-16 anos resolvi procurar a mãe. Encontrei a mãe em Sta. Rita, na boca do Cuiari. Meu padrasto também estava vivo. Vivi lá uns tempos, cerca de 3 anos. Ainda era solteiro e minha mãe disse: "vamos arrumar mulher p'ra você que você já está velho". Casei com mulher de um sítio logo acima, Sta. Helena (antigamente chamava Pari Cachoeira). Continuei vivendo em Sta. Rita. Comigo estavam também meus outros dois irmãos. Vivi aí depois de casado cerca de três anos e então fui para São Felipe. Os regatões já andavam por aí e o pai de Jorge, Valentim, pediu p'ra eu fazer roça p'ra ele em São Felipe. Fiz duas roças. Paulino nasceu por essa ocasião. Quando acabei de roçar,

o sr. Valentim pediu p'ra eu ficar lá, capinando roça, pescando. Pagou meu trabalho com um litro de querosene e uma barra de sabão. Nessa época, o pai de Jorge não pôde dar nada, porque o fogo havia destruído tudo em São Felipe. Resolvi então voltar para Sta. Rita. Fiquei aí cerca de um ano, quando um comerciante veio de Cana Fé (perto de Barcelos) e me levou para trabalhar com seringa. Vivi por lá trabalhando como aviado em barracão. O homem era bom mas gritava muito, querendo que a gente trabalhasse ligeiro. Dois companheiros que estavam com febre (malária) e não podiam trabalhar, apanharam de um capataz do sr. Zeca Macedo (nome do "patrão", comerciante). Não sei se eles roubavam no pesc, porque nessa época não entendia nada. Depois que trabalhamos na seringa, o patrão mandou a gente trabalhar com piaçaba. Eu estava sem mulher, sozinho. Mas tinha dois que tinham mulher que tinham ido ajudar os maridos. Em seringa trabalhei 3 meses e 6 em piaçaba. Aos domingos a gente descansava. O patrão me deu cigarro, sabão e querosene. Mas só dava para as despesas. Nunca dizia: vamos ver o seu saldo para pagar-lhe. Depois disso, embarquei com o patrão, junto com outros, num barco. Fomos até Camanau, logo abaixo de São Gabriel (Uaupés). Aqueles que patrão batera, fugiram. A mulher de um ficou como empregada e a outra morreu na fuga.

Depois que o patrão deixou a gente em Camanau, ele voltou para Cana Fé. Eu e um outro do Culari voltamos para Sta. Rita. Ganhei um pouquinho de roupa, cigarro, fósforo e sal, mas só para uso. O patrão foi quem mandou a gente embora. Vivi mais um ano em Sta. Rita, quando nasceu Mário. Aí consegui um patrão novamente, de Tapuruquara. Fui trabalhar em piaçaba, no rio Preto. O patrão se chamava Rafael Ogarte e era venezuelano vivendo no Brasil. Fugira também por causa da guerra. O patrão era bom, não berrava, não batia, dava farinha e outras coisas que a gente precisava. Fiquei lá 6 meses. Fiquei só essa temporada, porque o delegado de Uaupés dera ordem só para esse tempo. O delegado se chamava Ataíde Cardoso e era delegado dos índios. Pri-

meiro era Ataíde, depois suspenderam a delegacia, depois veio Alcides e, quando este morreu, veio o Ataíde novamente.

O patrão fez as contas e tinha um saldo de três contos. Havia entregue, nesses 6 meses, 2.000 quilos de piaçaba. Deu em pagamento uma espingarda de carregar na boca (marca Amazonas), roupas (camisa, calça), fazenda para vestido, uma saca de sal, meia lata de querosena, anzol, chumbo, espóleta e pólvora. Voltei para Sta. Rita em minha canoa. Comigo estavam o Mário e a Flora. Paulino ficara com a avó. Em Sta. Rita fiquei uns dois anos quando chegou uma Comissão de Limites para fazer demarcações com Colômbia e Venezuela. Levaram alguns índios para ajudá-los e eu fui também. Sozinho. Fomos ajudar a capinar, fazer casa, cozinhar e outras coisas. Trabalhei com ele só três meses, recebendo pagamento em miudezas, pois, nessa época, chegou um comerciante dos lados de Tapuruquara e Barcelos. Seu nome era Braga. Fui com ele trabalhar ucuquirana (tipo sorvã). Trabalhei dois meses e entreguei seis blocos (30 kg cada um). Esse patrão costumava bater em seus empregados, embora nunca houvesse batido em mim. Trabalhei lá dois anos e meio. O Braga tinha uma patroa chamada Adelina que se casou com Frederico Machado. Depois do casamento de Adelina com o Machado, nós fomos trabalhar para ele em outro sítio, pelas imediações, em piaçaba. Trabalhei nisso 7 meses e cada semana entregava 5 piraibas (cada uma tinha 30-35 kg). Depois fui para o rio Uaracá (Aracá), perto de Barcelos, quebrar castanha. Aí trabalhei três meses. Quebrei quatro barricas. Para quebrar a castanha usava terçado. Em todas essas atividades, ucuquirana, piaçaba e castanha, trabalhei dois anos e meio. O resto do tempo, andei como motorista do barco de mercadorias. Antes de sair, o patrão pediu para eu roçar, junto com outros. Depois chamou-nos e perguntou se queríamos ir embora. Enquanto trabalhava, sempre retirava alguma coisa de que precisava. Quando fiz a conta para subir, ganhei uma mala grande, cortes para camisa, para calça, para mulher, sal, 10 barras de sabão, três panelas, anzol, linha de pesca, blusão, fósforos, munição e taba-

co. O delegado de Uaupés tinha dado um período e esse patrão ultrapassou o período, o que fez o delegado Ataíde ficar bravo e começar a proibir a passagem desses comerciantes que iam buscar gente. Mas isso não adiantou. Depois disso, muitos comerciantes passaram. Eu acho que eles pagavam ao delegado.

Enquanto estava no castanhal, um companheiro meu, do Cuiari, morreu de malária.

Aí voltei para Sta. Rita. Guilherme já era nascido e o Mário já era grandinho. Vivi aí bastante tempo. Um dia chegou um outro comerciante e levou Paulino, que devia ter uns 10 anos, para os lados de Tapuruquara. Depois de uns dois anos, quando Paulino ainda continuava em Tapuruquara, pois, haviam enganado o delegado para levá-lo, chegou um irmão do patrão de Paulino, chamado Waldemar. Perguntei pelo meu filho e ele disse que o Paulino era motorista do irmão dele. Aí resolvi ir com a família, buscar o meu filho. O comerciante esperou-nos uma semana. Aí fomos com ele até acima de Tunuí. Lá havia festa, bebemos muito e eu fiquei bêbado. Aí fui dormir na canoa que estava atrelada ao batelão do comerciante. Quando dormi, perdi tudo o que tinha, porque o batelão jogava água na canoa e ela afundou. Quando chegamos em Tunuí, na baixada, resolvi ficar porque não tinha mais comida e não tinha com o que pagar o branco se este nos desse alimento. O branco ficou muito bravo mas ficamos. Fomos até Maçarico, viver com Miguel, pai de Eduardo. Ficamos lá uns 8 meses e então resolvemos procurar um lugar para fazer sítio. Escolhemos Acutiacanga. Ficamos lá bastante tempo e aí estávamos quando chegou um empregado de D. Ugulina, uma venezuelana. Fomos eu, Mário e Guilherme. Paulino ainda não voltara. Trabalhamos com seringa e eu entreguei 170 kg pelos três meses que lá estive. Havíamos comprado fiado uma mala grande, outra mala menor, três panos, outra mala, dois pares de meia e mais pano para fazer roupa, uma saca de sal, três terçados, três machados, meia caixa de sabão, espelho, perfume, anzol, espoleta, chumbo. Os 170 kg foi trabalho

de nós três. Ainda ficamos devendo um pouquinho. Voltamos para casa e ficamos esperando que o patrão voltasse para nos buscar. Aí ele chegou e eu voltei com a família toda. Compramos mais coisas fiado e fomos até o Aiari. Lá fizemos barraca e fomos procurar maçaranduba (*chiclê*). Trabalhamos com isso dois meses. Entregamos 5 blocos de 35 kg cada um, de *chiclê*. Havíamos pegado mala, sal, terçado, machado, faca e outras coisas. Quando pagamos o que devíamos e o que tínhamos aviado, depois de dois meses, voltamos para Acutiacanga. Paulino ainda não tinha voltado. Vivemos aí um ano quando chegou Paulino com o padre José. Paulino tinha fugido até a cidade de Uaupés e viveu três meses lá com o padre José. Subiu no Calari e depois veio encontrar a família em Acutiacanga. Ficou com a gente um dia e resolveu voltar com o padre José. Mário e eu também fomos para a cidade de Uaupés. Paulino tinha ajudado o padre e o padre pagou-o com camisa, calça e tudo o que precisava. Aí voltei com meus dois filhos para Acutiacanga. Vivemos aí mais um ano quando chegou um comerciante venezuelano e pediu licença ao delegado Lobo, na boca do Cuiari, para levar índios para trabalhar na Venezuela. Só foi Paulino e nunca mais voltou. Ainda está na Venezuela. Os outros, nós, ficamos em Acutiacanga e aí resolvemos fazer casa, num lugar aqui perto, na boca do igarapé Mamoi, ficando lá um ano. Depois mudamos para Nazaré. Por essa época, éramos só nós, Mário e Guilherme já tinham casado. A família da mulher de Guilherme estava conosco porque Águeda tinha perdido o marido. Estávamos aqui quando morreu pai de Eduardo. Aí ele, Sidério e a mãe, Maria, vieram para cá à procura dos parentes. Antônia morava em Tapeçua porque era casada com Valentim. Os dois ainda não estavam casados. José e Herminia casaram-se aqui. Os irmãos do marido de Herminia ainda não estavam para cá. Vieram, quando morreu o pai. Eduardo já estava aqui, era cunhado deles e então resolveram vir aqui, fazer casa. Inicialmente a minha família morava numa casa só. Depois é que Mário, Guilherme e José resol-

veram fazer casa. Liseu veio junto com João e família porque mãe de João é quem criava Liseu e os irmãos. Por essa época, eu, José, Mário, Guilherme, Otília e família de Mário, fomos trabalhar no rio Padauri, com um sargento. Trabalhar piaçaba. Eu e José entregamos juntos 2.500 kg de piaçaba. Só recebemos uma espingarda, calibre 20. Saímos de lá com o sargento nos devendo. Depois disso fiz três viagens à Venezuela, para passear, ver Paulino. Paulino, da primeira vez, voltou conosco. Depois de um ano, Paulino voltou p'ra Venezuela. José foi com ele e eu também. Ficamos lá três meses. Ajudamos por lá missionário a fazer casa. Nessa época já éramos crentes, a Sofia já tinha passado. Missionário nos deu roupa. Voltei p'ra Nazaré e depois fui de novo para a Venezuela com Mário. Fui trabalhar piaçaba. Entreguei 200 kg de piaçaba em duas semanas. Ganhei uma rede, calça e outras pequenas coisas : - anzol, linha de pesca, sabão, fósforo, perfume. Depois fui viver com Paulino. Ficamos por lá um ano. Depois de ter trabalhado piaçaba fui ajudar Mário a pagar motor. Ajudava a pescar, a olhar os filhos. Aí voltei e fiquei aqui, enquanto Mário, Guilherme, José, Eduardo, Maria, Sidério e família deles todos voltaram para a Venezuela.

Uma das vezes que Mário foi a Colômbia, eu fui também. Fiquei lá com parentes, trabalhando com piaçaba uma semana. Entreguei 70 kg e recebi duas redes, dois cobertores, dois cortes para vestido. Enquanto eu ficava no rio Venia, cabeceira do rio Negro,, na Colômbia, Mário foi ver o irmão na Venezuela. Trabalhou por lá uma semana, em piaçaba. Quando Mário voltou, viemos embora para Guadalupe. Em Guadalupe trabalhei em piaçaba duas semanas, entregando 60 kg. Comprei três latas de farinha, faca e sabão. Só trabalhamos mesmo, para comprar farinha. Aí voltamos. Depois disso nunca mais viajei.

Quando trabalhava apenas uma ou duas semanas, eu trabalhava por conta própria. Trabalhava o produto para vendê-lo a quem por ele se interessasse.

Fim. Acabou. Agora eu só vivo aqui em Nazaré.

2º) **Informante** : Mário  
**Idade estimada** : 43 anos  
**Sexo** : masculino  
**Clã** : Tatu

Nasci em Sta. Rita (rio Cuiari), lugar que fica acima do Tunuí. Vivi lá até 10-12 anos. Por essa época o padre José e os regatões andavam por lá. O pai vendia farinha aos regatões. A gente não trabalhava com cipó nem sorva nessa época. Depois viemos para Maçarico, viver com o Miguel, pai de Eduardo. Ficamos lá pouco tempo. Só cinco meses. Fomos para Acutiacanga. Meu pai foi quem criou o lugar. Só morávamos nós nesse lugar. Trabalhávamos para regatão, vendendo a eles farinha, ucuquirana, *chiclê*. Nesse tempo ainda não trabalhávamos com sorva. Eu tinha 12 anos. Vivemos lá bastante tempo e aí chegou um regatão pedindo gente para trabalhar em chicle, acima de Cucuí, na Colômbia. O patrão era o João Garrido, um brasileiro. Eu fui sozinho trabalhar com maçaranduba (*chiclê*). Tinha mais ou menos 15 anos e o patrão me tratou como se eu fosse filho dele. Vivi lá 7 meses. Depois subimos mais na Colômbia, indo até a cabeceira do rio Negro. Além de mim haviam outros Baniwa (Corripaco), da Colômbia. Subimos mais até o rio Inirida, na boca do Papunáua. Tivemos que pedir permissão a um comissário, pagando ilegalmente, para trabalhar com maçaranduba. Aí em cima trabalhei dois meses. Depois baixamos até a casa do comissário, acima de Cucuí, na Colômbia. Depois paramos no Cucuí para visitar o comandante. Aí voltei para Acutiacanga. Vivemos aí, fazendo roça, vendendo *chiclê*, farinha. Outra vez chegou regatão e eu fui trabalhar com ele, ajudando a comprar farinha. Carregar farinha, remar, cozinhar, era esse o meu trabalho. Chegamos até a boca do Janá, afluente do Cuiari, fronteira com a Colômbia. Tinha por essa época 17-18 anos. Vivi mais um tempo em Acutiacanga, sempre em contato com regatões. Por essa época fui com Guilherme e José a São Gabriel vender farinha para o Gonçalves. Os padres católicos estavam sempre a andar

por aí. Quando tinha cerca de 18 anos fui para a Venezuela trabalhar com seringa para D. Ugulina. Voltamos para Acutiacanga. Só a minha família continuava a morar aí. D. Ugulina era boa. Era viúva. Pagou em roupas, sal, têçado, tudo aquilo que precisava. Voltamos para Acutiacanga e aí vivemos um ano, quando chegou novamente o empregado de D. Ugulina. Voltamos a trabalhar com seringa. Fui eu, Guilherme e o pai. O resto da família ficou. Quando voltei para Acutiacanga, uma outra família, parente nossa, lá foi morar. Aí eu gostei de uma moça e ela de mim mas, a mãe dela não deixou a gente casar porque ela era muito menina. Depois disso a família dela saiu de lá e a minha família foi passear em Sta. Rita. Vivemos lá algum tempo e então voltamos para Acutiacanga. Sempre passeávamos pelo rio Içana. Eu ia muito a Ambaúba, nas festas. Tinha comida, caxiri e cachaça destilada feita por eles mesmos. Aí eu comecei a namorar a Júlia. Depois subi até Sta. Rita mas parei em Tunuí numa festa de St.<sup>o</sup> Antônio. Fiquei em Sta. Rita um mês mais ou menos. Voltei para Acutiacanga. Aí nós resolvemos fundar Nazaré. Vivemos aqui e aí pai dela veio deixar ela aqui. Depois de dois anos fui para a Venezuela e Júlia ficou com a mãe. Na Venezuela fui procurar trabalho. Achei trabalho de fazer casa de pau a pique com barro. Ganhei roupas de pagamento. Patrão era bom porque eu trabalhava bem. Depois eu, que estava com meu pai, minha mãe e meus irmãos, voltei para Nazaré. Fui viver com Júlia um pouco na casa do pai dela e aí voltei para cá. Por essa época nasceu meu primeiro filho, o Ronio. Vivemos aqui. Nasceu o Herme. Depois disso fui com toda a minha família, trabalhar com piaçaba no rio Padauri, abaixo de Tapuruquara. Achei o patrão muito ruim. Ele berrava muito com a gente. Um dia, um companheiro nosso perdeu-se no mato. Como depois de um dia ele não voltasse, eu e outros fomos atrás. Quando chegamos, depois de encontrá-lo, o patrão brigou bastante, principalmente com Guilherme, meu irmão, porque havíamos perdido um dia inteiro de trabalho. Depois, como meu filho Herme morresse de malária, resolvi vir embora, junto com os outros da

familia. Aí fomos falar com patrão e ele zangou muito. Eu também fiquei zangado e viemos embora sem receber o saldo. Vivemos em Tapuruquara um mês. Guilherme e meu pai subiram. A mãe já tinha morrido. Eu fiquei com a mulher, meu irmão José e a cunhada. Guilherme e eu tivemos malária em Tapuruquara. Fomos tratados por um padre, no Hospital da Missão. Guilherme e meu pai vieram antes, remando. Eu e os outros, viemos na lancha do padre. Meu pai e Guilherme acabaram amarrando o barco na lancha e chegamos até Mercês. Quando estávamos lá, chegou padre José. Nós todos, então, viemos na lancha do padre José até Uaupés. Guilherme continuou na lancha pequena do padre e eu fiquei com meu pai e Júlia em Uaupés. Depois viemos a remo até Nazaré. Gastamos duas semanas. Quando chegamos aqui, as casas estavam feias. Arrumamos e vivemos por aqui. José nasceu no Padauri. Elizabeth nasceu depois da volta. Vivi aqui cerca de 4 anos. Aí fui para a Venezuela levando o Ronio, o Chico e o Raimundo, irmão da Júlia. Passamos lá 8 meses trabalhando em piaçaba. Paulino já estava casado e morando lá. Ganhei dois lampiões, um fogão a querosene, seis painéis de alumínio e roupas (6 camisas, 5 calças). Voltei até Nazaré. Nesse tempo, os crentes já estavam por aqui e já tinha a Missão dos crentes em Seringa-rupitá, acima do Tunuí. Nessa época já sei ler um pouco, sei um pouco de números. Aí achei que ganhava mais trabalhando na Venezuela. Aí fui com a mulher, os filhos, o pai, Guilherme, para a Venezuela. Ficamos muito tempo. Fizemos roça. Aí nasceu Florinda. Trabalhamos com piaçaba e, depois, no verão, com seringa. Nesse tempo era bom o preço da seringa na Venezuela. Trabalhávamos para um patrão mas morávamos com o Paulino. Tínhamos roça. Por essa época ganhei um motor Arquimedes de 12 HP, uma máquina de moer café, um lampião, uma máquina de costura, algum dinheiro e roupas. Vivi lá cerca de três anos. Com o dinheiro, comprei gasolina, óleo para motor. Aí emprestamos uma canoa de 12 m do patrão e voltamos. Aí fiz uma canoa de madeira, prego, com toldo e tornei a voltar, levando a canoa do patrão a reboque.

Fui com toda a família, inclusive alguns parentes da Júlia. Éramos 14 pessoas. Ficamos dois anos lá trabalhando com o patrão anterior, em seringa. Morávamos com Paulino. Nasceu Fausto. Deixei a família lá e voltei só com o José. Fiquei aqui uma semana e voltei com Guilherme, José e Eduardo porque a seringa e a farinha valiam bastante. Farinha aqui o preço tinha caído até Cr\$ 3,00 a lata (12 kg). Isso foi tem 10 anos. Vivi lá mais um ano trabalhando com o mesmo patrão, em seringa. Ganhei camisas, panelas, etc. Meus dois filhos, Ronio e Fausto, morreram de sarampo por lá. Aí eu fiquei triste e voltei. Eu também quase morri de sarampo. Depois disso fui a São Felipe, Cucuí, passear, vender farinha, sorva. Só fiquei andando pelo rio Içana. Trabalhei com piaçaba acima de Cucuí, para um colombiano em Guadalupe, na Colômbia. Fiz três viagens a Guadalupe. Ficava de cada vez trinta dias porque o capitão só dava ordem para isso. O capitão da fronteira. Ganhei como pagamento roupas, panelas, sabão, rede. Regatão, crente, sempre estão por aqui. Muitas vezes trabalho com cipó, farinha, sorva, para vender aos regatões que passam por aqui. Algumas vezes vou até o armazém que os Coimbra têm acima de Tunuí. Troco ralos, farinha, sorva, por roupas, querosene e outras utilidades.

- 39) **Informante** : Guilherme  
**Idade estimada** : 40 anos  
**Sexo** : masculino  
**Clã** : Tatu

Nasci em Sta. Rita, no rio Cuiari. Fiquei aí até 4-5 anos. Depois vim para um local abaixo de Nazaré, chamado Acutianga. Morei lá muito tempo. Nessa época ajudava meu pai no trabalho com chiclê (maçaranduba). Depois vendíamos o produto coletado para regatão. Trocávamos por pano, sabão, querosene e tabaco. Hoje a gente não fuma mais. Fiquei aí até os 12 anos. Depois eu, o pai e o Mário, fomos trabalhar com seringueiro na Venezuela, no rio Cassiquiare. Quando o empreiteiro veio contratar a gente, nós tiramos como avia-

mento: pão, sabão, querosene, calça, camisa, perfume, sal, fósforo, tabaco. Ficamos lá 4 meses. Comíamos caça, pesca e farinha. O seringal pertencia a uma mulher, D. Ugulina. Ela era boa e pagou-nos direito.

Depois de 4 meses voltamos para Acutiacanga. Ficamos aí mais um ano e meio quando passou novamente o empreiteiro da D. Ugulina. Aí foi a família toda. Fomos trabalhar com *chiclê* no rio Aiari. Ficamos lá cerca de 4 meses. O modo de pagamento era o de aviar. Pagamento antes. O empreiteiro tomava conta e era bom. Esse empregado andava muito pelo Brasil. Assim falava o geral e o português. Depois dos 4 meses, voltamos para Acutiacanga. Ficamos aí uns três anos. Aí a família toda subiu para a Colômbia. Ninguém veio contratar a gente. Fomos passear, conhecer a família do pai. Depois passamos para a Venezuela à procura da patroa, porque ficamos com saldo. Nessas andanças demoramos 5 meses. Daí liquidamos a conta e voltamos. Nesse meio tempo eu sempre entrava em contato com regatões: - Coimbra (pai), Garrido (pai) e outros. Quando voltamos casei com Porcinda que era de Maçarico. Porcinda foi morar em Acutiacanga. Ficamos lá pouco tempo. Depois viemos para Nazaré que era um sítio velho. Não tinha moradores. Fizemos casas, moramos aqui muito tempo: - 7-8 anos. Nessa época D. Sofia Müller chegou por aqui. Era crente. Criou escola. Já veio sabendo Corripaco. Ia ensinando a Bíblia e dando conselhos. Com isso conseguiu fazer com que a gente não bebesse cachaça, fumasse, dançasse dabucuri. Mas ela não conseguiu isso logo. Foi aos poucos, com o ensinamento da Bíblia. Andou por todo o Içana. Um ano mais ou menos depois da chegada de D. Sofia, os salesianos se estabeleceram em Carará-Poço. Padre José, que era o salesiano, andou por tudo aqui. Mas nós já éramos crentes.

O Otilio já era nascido quando eu, o pai, Mário, a mãe, José e meus outros irmãos fomos até o rio Preto, num braço chamado Padauri. Fica abaixo de Tapuruquara. Fomos na lancha do sargento Guilherme, trabalhar para ele em piaçaba. Ele não foi correto, não pagou direito. Ficamos lá nove me-

ses. Trabalhei cerca de 4.500 kg. de fibra e só recebi como pagamento uma calça, três cortes para vestido, uma panela de alumínio e um par de sapatos. E ganhava um paneiro de farinha por mês. Não pagou o saldo prometido. Na volta ficamos um mês em Tapuruquara vivendo com um irmão (primo paralelo) do pai (Corripaco) que lá residia. Fomos a remo até Livramento, que fica acima de Tapuruquará. Levamos três dias. Aí pegamos a lancha do padre José e viemos até Uaupés. De São Gabriel (Uaupés) vim de lancha até Carará-Poço. Minha mulher, que ficara em Maçarico com sua família, tinha canoa e nós voltamos nela. Vivi aqui algum tempo. Nasceu a Glorinha, o Genésio, o Gotinhô. Depois fui para a Colômbia trabalhar com piaçaba. Ninguém veio atrás de mim. Eu é que fui lá procurar trabalho. Fui a remo. Demorei quase um mês. Atravessei varadouros puxando a canoa por terra. Fiquei lá cerca de cinco meses. Ganhei bem: - calça, camisa, sapato, perfume, prato, panela e outras coisas do branco. Ganhei também um pouco de dinheiro colombiano que troquei por lá mesmo. Aí voltei. Nasceu Virgínia. Depois vivi aqui dois anos e aí resolvi ir por minha conta para a Venezuela, com toda a família, inclusive sogro, irmãos e cunhados. Fomos em três canoas. Fiquei lá cerca de oito meses. Minha mulher já estava grávida do Florêncio. Trabalhei para venezuelano, com piaçaba. Ganhei bem. Nós todos aqui gostamos de trabalhar para venezuelano. Aqui não gostamos de trabalhar porque só ganhamos coisa pequenina. Ganhei também um motor de 3 HP (Evenrude). Fiquei com um saldo de 30 bolívares. P'ra esse patrão trabalhei três meses. Antes de achar trabalho, fiquei viajando. Aí arranjei patrão para trabalhar com piaçaba. Vivia nessa época, com meu irmão Paulino, que lá tinha casa. Enquanto não trabalhei com esse patrão, eu pescava e vendia, caçava e vendia e aí consegui 400 bolívares. Tirei 400 kg de piaçaba. Florêncio nasceu lá. Voltamos e vivemos aqui em Nazaré. Depois disso fui duas vezes acima de Cucuí, em Guadalupe, na Colômbia. Trabalhei nas duas vezes com piaçaba. Ganhei roupa, gasolina e panelas. Depois voltei para Nazaré. Aí fui a

Cucuí vender farinha para os militares. Ganhava Cr\$ 8,00 por paneiro. Vendi 12 paneiros. O Mário foi junto, com 30 paneiros. Recebemos o dinheiro e gastamos lá mesmo com duas sacas de sal de 60 kg, uma calxa e meia de sabão, duas latas de querosene e dois tambores de gasolina. Isso foi há dois anos. Depois disso fui uma vez a São Gabriel vender farinha. Seis paneiros. Vendi a Cr\$ 7,50 cada. Comprei 20 barras de sabão, uma lata de querosene e duas de gasolina.

Nesse meio tempo todo, entrei em contato com o pessoal da malária que vem borrfar as casas. Padre Carlos às vezes passava por aqui. Depois que discuti com o Mário pelo fato de sermos crentes, nunca mais veio. Também os missionários protestantes sempre passam por aqui. Aprendi a ler e a escrever com o missionário Paulo. Depois a missionária Walkyria ficou aqui uns tempos. Outros que moraram aqui: - Anita, Elizabeth, Mirtes e Nair. Sempre ensinam as letras em Baniwa e a Bíblia. Possuo a Bíblia que me foi dada pelo missionário Henrique.

4º) **Informante** : Dionísio Ricardo

**Idade estimada** : 30 anos

**Sexo** : masculino

**Clã** : Siuci

Nasci no Maçarico. Sempre morei lá até ir para São José, um pouco acima de Tapuruquara. Tinha, então, 15 anos. Regatões passavam por Maçarico. Aos 15 anos fui com toda a família para São José. Fizemos casa, roça, vivendo lá cerca de 4 anos. Trabalhei com piaçaba seis meses. Ganhei como pagamento roupas e outras coisas desse tipo. O resto do tempo vivi lá como a gente vive aqui. O patrão da piaçaba chamava-se João da Lapa.

Quando voltamos do trabalho com piaçaba, viemos direto para Nazaré porque meu irmão, o João, estava casado com mulher daqui. Meu pai morreu em São José. Aqui em Nazaré morava só a família de Mário e nós. Morei aqui seis anos. Não era casado. Depois colombiano chegou aqui para contratar pessoal para trabalhar em piaçaba na Colôm-

bia, no rio Atauápo. Fomos eu, Sidério, Valentino e Chico. Como nessa época era proibida a passagem para a Colômbia, o patrão foi por Cucuí e mandou-nos pelo rio Xié, num caminho que sai do rio Xié para o Urubu, já na Colômbia. Um soldado que ia pelo Vaupés viu-nos abaixo do Xié, o que fez desconfiarem do patrão em Cucuí. Retiveram-no por algum tempo e um dia em que havia uma festa, ele aproveitou para fugir no seu barco voador, enquanto os soldados dançavam. Nós, os Baniwa, estávamos a esperar o patrão na fronteira com Maroa (Venezuela). Já estávamos lá faziam seis dias. Os soldados brasileiros foram atrás do colombiano, Alexandre Patiño, até São Carlos. Mas não conseguiram pegá-lo. Aí as autoridades brasileiras naquela região, telegrafaram de São Carlos para Iauita, dizendo que o Alexandre levava contrabando, para prendê-lo. Quando Alexandre chegou lá com nós quatro e outros mais do Xié, Rio Negro, o que dava mais de vinte, e o empregado que nos comandava, disseram: - "Vocês ficam por aqui que eu vou-me embora porque estão querendo prender-me". Pegou o carro e foi para Atauápo. Ficamos onde estávamos três dias e depois seguimos o patrão. Chegamos no sítio do patrão e ficamos lá dois dias. Aí trabalhamos num igarapé chamado Tiaquita, durante seis meses. Entregamos piaçaba mas o patrão não pesou. Eu já tinha feito aviamento antes e recebi 7 cortes de pano para mulher, 3 panelas n.º 30, 1 n.º 28, 1 cobertor, 2 calças, 2 camisas, 2 vidros de óleo para cabelo. O patrão dava muito pouca farinha, que cobrava. Tinha conta e tudo o patrão marcava no borrador. Nem canoa para a gente o patrão deixava. O patrão foi embora para São Fernando e depois de três dias ainda não tinha voltado. Estávamos só com uma lata de farinha. Acabamos ficando sem ter o que comer. Esperei uma semana e como o patrão não chegasse, fugi com mais cinco. Os meus companheiros Baniwa também. Todos diziam para nós que o patrão era ruim. Conta nunca acabava. Saímos de lá às 7 h da noite. Roubamos uma canoa. Gastamos três dias até o Cucuí. Aí em Cucuí falamos com o comandante dizendo que estávamos voltando da Colômbia. Tivemos a

permissão e voltamos direto para Nazaré. Gastamos três dias. Algum tempo depois casei com mulher do rio Negro (prima cruzada). Depois disso sempre estive aqui, trabalhando na roça, colhendo um pouco de sorva, cipó e vendendo também farinha. Tudo para regatão. Regatão paga pouco. Mas eu também trabalho pouco.

Para trabalhar com sorva faço assim : - sangro a árvore (dar cortes), depois derrubo a árvore e depois faço os anéis (cortar ao redor) que são cortados numa distância cada um de meio metro ou um metro, até chegar aos galhos. Em cada anel coloco um curuatá (vasilhame feito de palha de açáí) para receber o líquido. Acabada uma árvore, derrubo outra. Depois de colhido (lata, balde) levo para a barraca. Depois cozinho até o líquido endurecer, em tacho ou lata. Aí está pronto. Coloco em paneiro.

Para trabalhar com cipó faço assim : - trêpo na árvore para cortar o cipó. Já embaixo corto em pedaços menores, amarrando em cabeças (redondo), fazendo 4, 5, 6. Depois ajunto os 6 e amarro-os, arrastando pelo mato até a canoa. Chegando na barraca tiro a casca do cipó e depois coloco no sol para secar. Já seco, tudo é ajuntado e faço "pacotes" (cipó amarrado). Depois é só vender. Por cipó troco chumbo, roupa. Por 50 kg. de cipó ganho Cr\$ 18,00 que não dá para comprar nada.

A sorva sai a Cr\$ 1,00 o quilo. Em geral vendo 30, 40 kg. Para fazê-los gasto dois dias. Na verdade, entre ida e volta, gasto 4-5 dias. Vendo para o Coimbra. Na última vez que vendi a sorva, comprei uma maleta e ainda fiquei devendo Cr\$ 10,00. Paguei-os com cipó.

59) **Informante :** Eduardo  
**Idade estimada :** 35 anos  
**Sexo :** masculino  
**Clã :** Tatu

Nasci no Maçarico, sendo o segundo filho de Miguel e Maria. Quando tinha uns cinco anos meu pai morreu e

nós fomos para Tapeçua porque minha mãe foi atrás de parente lá e porque havia dado muito sarampo em Maçarico, havendo morrido metade do pessoal. O resto que não morreu foi para Tapeçua. Meu pai morreu de tuberculose.

Depois de uns cinco anos fui para São José, no rio Negro, acompanhando o pai de João. Foi toda a família. Fomos visitar o cunhado do pai do João. O pai do João trabalhou com seringa mas a minha mãe não. Ficamos lá cerca de um ano. Depois fomos até Carará-Poço. Ficamos por lá uns três anos. Nessa época estavam construindo a Missão de Carará-Poço e eu ajudei a roçar o terreno. O padre era o padre José. Também ajudava a buscar troncos para os esteios e madeira para lenha. O padre me ensinava religião.

Depois de um ano voltei para São José com o pai de João e toda a família. Ele foi trabalhar piaçaba. Eu não ajudei. Ficamos lá uns seis meses.

Voltamos para Carará-Poço. Voltei a trabalhar para o padre que já era o padre Carlos. Tirava pau para fazer casa e cortava palha de caraná para cobrir as casas. O padre me ensinava religião. Eu confessava e comungava. Fiquei lá com o padre uns dois anos.

Depois disso vim passear em Nazaré. Voltei para Carará-Poço. Aqui em Nazaré, pela primeira vez, ouvi a "palavra de Deus", dita por Mário. Quando voltei para Carará-Poço, o padre Carlos ralhou comigo por ter vindo aqui com crentes. Não, foi padre José quem ralhou comigo. Aí, então, resolvi vir morar aqui. Vim sozinho e fiquei na casa de Guilherme. Minha família continuou em Carará-Poço. Aí eu fui vender tábua para padre José e padre José pagou menos porque estava com raiva de mim. Depois disso subi novamente para Nazaré, para ver a reunião de Sta. Ceia. Depois da reunião voltei para Carará-Poço e padre Carlos ralhou muito comigo. Voltei para Nazaré para morar aqui porque o padre Carlos e o padre José não queriam que crente morasse lá e eu estava virando crente. Preferi ser crente porque gente de lá bebia, apesar do padre falar e porque padre brigava comigo

e aqui nos crentes ninguém brigava. Fui batizado nos crentes pelo Mário e depois comecei a fazer casa, roça. Depois fui para Colômbia com José. Fui passear e trabalhar com piaçaba para um colombiano chamado Roberto. Trabalhei só uns 4 dias e entreguei cerca de 100 kg, ganhando 1 calça, 1 camisa, 1 corte para mulher, 2 barras de sabão, 6 pilhas, 1 carro (tubo) de linha. Estive na Colômbia um mês. Depois voltei para Nazaré e logo depois casei com Maria.

Antes de ir para a Colômbia fiz três viagens à cidade de Uaupés para :-

1ª vez) vender 1 paneiro de farinha. Vendi para o Graciliano Gonçalves e recebi 2 cortes de fazenda;

2ª vez) vender dois paneiros de farinha, 1 paneiro de sorva e 2 pacotes de cipó;

3ª vez) vender 2 paneiros de farinha.

Todas as três vezes vendi para o sr. Gonçalves. Recebi uma rede, dois cortes de fazenda, duas barras de sabão e uma maleta da 2ª vez. Da 3ª vez comprei um saco de sal e dois cortes de fazenda.

Depois que casei com Maria fui uma vez à Venezuela. Fui com todos da aldeia. Trabalhei com piaçaba seis meses e entreguei seis toneladas. Fui eu quem procurou patrão para trabalhar. Comprei um motor Johnson 6 HP. Mais tarde vendi o motor porque faltava gasolina. A gasolina que tinha era muito cara: - 3 paneiros de farinha por 18 litros de gasolina.

Depois disso não viajei mais, mas tenho trabalhado para regatão, fazendo cipó, farinha, sorva.

6º) **Informante** : Alberto

**Idade estimada** : 29 anos

**Sexo** : masculino

**Clã** : Siuci

Nasci em Ambaúba.

Fui três vezes na Colômbia trabalhar. Não fui pelo sistema de aviamento. Primeiro trabalhei e depois recebi :-

roupas, panelas, anzóis, sal, fósforo. Trabalhei de cada vez um mês, com piaçaba. Estive também três vezes em São Gabriel, vendendo farinha, cipó e sorva ao Graciliano Gonçalves e à Missão :-

1.<sup>o</sup> vez: 4 pacotes de cipó, 1 paneiro de sorva. Recebi 2 calças, 2 camisas, 6 cortes para mulher, 1 saca de sal, 1/2 caixa de sabão, fósforo e anzol. Essa minha troca foi com o Gonçalves;

2.<sup>o</sup> vez: 15 paneiros de farinha e 2 ralos que vendi à Missão. Recebi como pagamento, 7 cortes de pano, 1 lata de querosene, 1 panela, 1 terçado e 1 saca de sal;

3.<sup>o</sup> vez: 12 paneiros de farinha vendido ao Graciliano. Comprei 1 rede, 1 saca de sal, 5 cortes de pano para mulher, anzóis, fósforo, linha de pesca.

Agora trabalho com cipó e sorva para vender a regatão.

Uma outra vez vendi 15 latas de sorva ao Coimbra. Ganhei 1 arma calibre 24.

Uma das vezes que fui a Colômbia, fui com Hermínio, Epaminondas e o pai de Mário, trabalhar com piaçaba. O patrão não era ruim mas não pesava o produto direito. A gente dava 70, 60 kg e ele pesava 50, 40 kg. Meu saldo era 150 bolívars que foi pago em roupas e outras coisas. O patrão me vendeu um paneiro de farinha por 24 bolívares. Mas tudo era colocado na conta.

- 7<sup>o</sup>) **Informante :** Maria  
**Idade estimada :** 30 anos  
**Sexo :** feminino  
**Clã :** Siuci

Nasci em Maçarico. Depois, quando tinha 4 anos, fui morar na ilha do Açaí que fica em frente a Yurupari-poço. Morei aí mais de um ano. Fomos para aí porque a minha mãe tinha uma irmã e, ficando viúva, foi para aí porque aí tinha auxílio de roça, comida.

Quando tinha uns 8-10 anos vim para Nazaré porque Guilherme foi lá pedir a Porcinda em casamento. Viemos todos.

Por essa época lembro-me de regatões, de padres católicos. Os crentes ainda não existiam. Morei aqui uns 5 anos quando fui para a Colômbia com minha mãe, o José que já tinha se casado com a Herminia e ela. A Sofia Müller por essa época já andara por aqui mas a gente ainda não sabia bem o que era ser crente. Uns colombianos que passaram por aqui avisaram que ia ter a conferência da Sta. Ceia e nós fomos para lá para ver a conferência e para visitar um pastor chamado Clarim. José trabalhou durante uma semana com piaçaba. Depois voltamos e após algum tempo, Eduardo pediu-me em casamento. Ficamos noivos 4 meses. Casamos à moda dos crentes.

Depois comecei a ajudar meu marido a trabalhar com cipó. Meu marido, além de cipó, trabalhou com sorva numa empreitada para Valentim Garrido Otero. Tiramos fiado para ir trabalhar. Tiramos 2 panelas e 2 cortes. Demos 2 pacotes de cipó e 1 paneiro de sorva. Depois trabalhamos para Eugênio Gonzalez. Entregamos 2 pacotes de cipó: - 1 com 50 kg e outro 60 kg e dois paneiros de sorva com 30 kg cada um. Eu ajudava o meu marido, descascando o cipó. Ainda não tínhamos filhos. Também cortava a sorva com o marido, fazendo anéis. Tiramos em pagamento, 2 cortes, 2 pratos e 1 tijela. Não foi aviado. Fizemos e depois vendemos. Quando acabamos de trabalhar para o Eugênio, fomos para a Colômbia já com uma filha, Melissa. Fomos com o Mário. Ele voltara da Colômbia e viera buscar a família. Fomos todos daqui de Nazaré. Lá trabalhamos três meses em piaçaba mas ficamos lá 11 meses. Não fizemos roça. Mário fez. Ficamos 8 meses a andar por lá. Dessa vez compramos um motor. Éramos três a trabalhar com essa finalidade: eu, meu marido e o Sidério. Já vendemos o motor. Por falta de gasolina. Entregamos 5 toneladas de piaçaba. Só o motor foi 4. O resto foi gasto com farinha, fósforo, querosene, sal. O sistema era o de barracão. Tínhamos conta que o patrão ia marcando. Quando quisemos vir embora, ele não queria deixar. Brigou muito. Mas nós não tínhamos comprado o motor fiado. Só o compramos depois que as 4 toneladas es-

tavam prontas. Dessa forma pudemos voltar. Ele se chamava Idalino e às vezes era bom, outras vezes era mau. Depois que voltamos, fiquei todo o tempo aqui. Abortei e tive outro filho.

Meu marido não tem mais trabalhado com nada. Só eu que tenho feito farinha para vender ao Alfredo Coimbra. Meu marido ajuda a colocar a farinha dentro do panelaço.

Meu marido não tem mais trabalhado porque disseram que sorva e cipó baixaram de preço.

Tenho uma prima, a Polita, que foi trabalhar para o Alfredo Coimbra. Ficou lá 5 meses e, quando voltou, só tinha a roupa do corpo. Coimbra não a pagou e nem rede tinha. Ela só ganhou comida.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é nossa intenção fazer aqui comentários analíticos sobre os depoimentos transcritos, uma vez que, a nosso ver, eles falam por si, mostrando que geralmente os índios são *explorados* pelo elemento dito civilizado; que os Baniwa já se acostumaram às mercadorias do "branco", tais como sal, querosene, cortes de fazenda, camisa, calça e mesmo motor de popa; que eles preferiam trabalhar na Colômbia e Venezuela do que no Brasil porque lá recebiam melhor do que aqui; que na busca de "escravos" para o trabalho em seringais e outros, os capatazes procuravam burlar as autoridades da região e, algumas vezes com a conivência delas, conseguiam seus fins; que a densidade e o tipo de *frente econômica* dependem da oscilação no mercado dos produtos extrativos encontrados na área; que a "*frente*" *missionária* exerceu sempre um papel relevante na região; que os Baniwa parecem ter-se conscientizado da exploração que sofriam e estão preferindo antes trabalhar por conta própria do que pelo regime de aviação, e que a malária, o sarampo e a tuberculose além de outras doenças, são moléstias que eles continuam a temer. São, portanto, bons exemplos das decorrências da situação de contato entre índios e "civilizados" não só na região ama-

zônica mas na América como um todo, pois, em geral, elas surgem quando as frentes de expansão alcançam grupos tribais que relativamente viviam isolados.

Essa exemplificação, feita através do discurso indígena, é a justificativa maior de nosso trabalho. Mas queremos também ressaltar que, face às condições geográficas, históricas, econômicas e sociais que envolveram e envolvem os índios Baníwa, eles se encontram num processo de integração à sociedade envolvente, processo esse que é irreversível e que, por mais que sejamos contrários ao mesmo, há três séculos ele se vem realizando. Como sabemos que as resultantes desse processo são a miséria, a prostituição, a perda de terras e a descaracterização tribal inclusive com consequências psicológicas graves, desejamos chamar a atenção para o fato de que embora *realisticamente* não possamos colocá-los dentro de redomas e salvaguardá-los, revertendo o processo, o Governo pode, pelo menos, dar-lhes a garantia de suas terras e uma assistência médica permanente a fim de que possam sobreviver.

#### SUMMARY

Testimony on contact with "civilizados" (whites) was recorded with the aid of an interpreter from 7 Baníwa indians, 6 men and 1 woman, during a field trip to the Içana River (State of Amazonas, Brazil) in 1971. The aim of the research is to present examples of the situation of the indian in contact with the "civilizados" in the area of the upper Rio Negro. Analytic commentaries are not given to these personal histories, but attention is called to the fact that the Baníwa require a guarantee to their lands and permanent medical assistance to assure their survival, as is the general and unfortunate case among indigenous groups.

#### BIBLIOGRAFIA CITADA

- ARANHA, Bento de Figueiredo Tenreiro  
1907 — As explorações e os exploradores dos rios Uaupés e Içana.  
Arch. Amazonas, Manaus.

- AZEVEDO, Romualdo Gonçalves de  
1907 — As explorações e os exploradores dos rios Uaupés e Içana. **Arch. Amazonas**, Manaus, 2 (7) : 82-90.
- GALVÃO, Eduardo  
1954 — **Diário de campo** — Rio Negro. [Ms. inédito].  
1959 — Acultura indígena no rio Negro. **B. Mus. Pa. Emilio Göeldi**, Belém, n. ser. Antrop. 7, 60 p., il.  
1964 — Encontro de sociedades tribal e nacional no rio Negro, Amazonas. /**Sobretiro Actas e Memórias 35. Congresso Internacional Americanistas**, Mexico. 1962. Mexico, p. 329-40/.  
1970 — Indians and Whites in the Brazilian Amazon. **Z.f. Ethnol.**, Braunschweig, 95 (2) : 220-30.
- MASSA, Pedro, mons., S.D.B.  
1965 — **De Tupan a Cristo. Jubileu de Ouro. Missões Salesianas do Amazonas, 1915-1965**. Rio de Janeiro, s. ed. 481 p.
- NIMUENDAJU, Curt.  
1950 — Reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés. **J. Soc. Amer.** Paris, n. ser. 39 : 125-82.
- OLIVEIRA, Adélia Engrácia de & GALVÃO, Eduardo  
1973 — A situação atual dos Baniwa (Alto Rio Negro) — 1971. **In: O museu Goeldi no ano do Sesquicentenário. Publ. Avulsas Mus. Pa. Emilio Goeldi**, Belém, 20 : 27-40.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira  
1940 — A Política de Portugal no Valle Amazonico. Belém.  
1944 — **O processo histórico da economia amazonense**. Rio de Janeiro.
- SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de  
1907 — Appendice ao Diario da viagem que em vizita e correlção das povoações da Capitania de S. José do Rio Negro fez o Ouvidor e Intendente Geral da mesma no ano de 1774-75. **Ann. Bibl. Arch. Públ. do Pará**, Belém, 6 : 69-118, mapas.
- XAVIER, Joaquim Firmino  
1907 — As explorações e os exploradores do rio Içana. **Arch. Amazonas**, Manaus, 1 (4) : 111-125.

(Aceito para publicação em 27/10/78)

OLIVEIRA, Adélia Engrácia de. Depoimentos Baniwa sobre as relações entre índios e "civilizados" no rio Negro. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Nova Série: Antropologia**, Belém (72): 1-31, jan. 1979. ilus.

RESUMO: Apresentação de 7 depoimentos Baniwa, sendo 6 masculinos e 1 feminino, coletados durante uma pesquisa de campo no rio Içana (AM), em 1971, com auxílio de um intérprete e com o objetivo de exemplificar a situação de contato entre índios e "civilizados" no alto rio Negro, índios estes que têm sido submetidos não só ao convívio com frentes econômicas mas também com a missionária ou ideológica. Não são feitos comentários analíticos a esses depoimentos mas chama-se a atenção para o fato de que os Baniwa necessitam da garantia de suas terras e de uma assistência médica permanente para que possam sobreviver, como aliás, é o caso dos indígenas em geral.

CDU 572(811.3)  
CDD 572.9811  
MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI  
†



FALANGOLA

OFFSET

BELEM

PARÁ